

A CÁRITAS 12 - A Culpa e a Crise

P. *Boa tarde. Este é mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco, representada, como habitualmente, por Elicídio Bilé a quem saúdo.*

Começo, desde já, por lhe perguntar, na sequência do programa anterior que teve bastante impacto nos nossos ouvintes, se estamos perante uma crise de identidade nacional, um estado de espírito negativo mas passageiro, ou uma fatalidade portuguesa, numa altura em que tanto se fala em crise?

R. Muito boa tarde para o Francisco Salgado e para todos os nossos ouvintes.

A sua pergunta é muito complexa, mas vejamos o problema segundo o seguinte aspecto:

Como constatamos nos dias de hoje, uma das palavras mais ouvidas é o substantivo “**Culpa**” e todos os seus derivados: “**culpados**”, “**culpar**”, etc. É assim na linguagem comum, mas também nos diversos tipos de comunicação, sobretudo para caracterizar acontecimentos.

De facto, perante a multiplicidade de problemas que o nosso tempo nos coloca, a resposta que lhes é dada é, normalmente, bastante contraditória.

Ao invés de serem analisados, discutidos e de se procurarem as soluções mais adequadas, opta-se por procurar **culpadas** e tentar encontrar **culpados**.

E, nesta obsessiva procura, gastam-se energias, adiam-se soluções e desvia-se a atenção para aquilo que é secundário.

Esta constatação é bastante evidente, tanto na vida social, como na vida política, com prejuízos enormes para o desenvolvimento das comunidades.

Senão, vejamos:

- Os diversos governos, para justificarem alguma inoperância e, também, alguma ineficácia, dizem ao povo que a **culpa** é dos outros, sobretudo daqueles que os precederam.
- No plano internacional, a **crise** económica é **culpa** do dólar e do euro que se disputam entre si nos mercados financeiros e cambiais, arrastando as economias, europeia e americana, promovendo, desta forma, a desconfiança nos investidores;
- No plano europeu, a **crise** é **culpa** dos países mais ricos e industrializados que polarizam as grandes decisões, controlando as economias periféricas e mais debilitadas, provocando o endividamento destas, para poderem acompanhar o ritmo de crescimento das outras.
- No plano nacional, a **culpa** associada à **crise** tem dimensões incomensuráveis; as **crises** são sempre **culpa** dos governos anteriores porque não souberam governar e/ou não tiveram em conta o interesse de Portugal e dos portugueses.

É assim ao nível central e, é assim também, ao nível local.

Por cá, a título de exemplo, assistimos a uma guerra de palavras entre autarcas “*cor-de-rosa*” e autarcas “*cor-de-laranja*”, com a respectiva culpabilização do adversário, tipo:

- Eu fiz, tu não fizeste;
- Tu és incompetente eu sou a competência personificada.

A **culpa** é sempre do outro, e o “Zé Lagóia”, que é como quem diz – o bom povo portalegrense – começa a ficar pálido e a perder a cor.

Todos estamos recordados que a colocação de um simples monumento foi motivo para uma guerra de palavras esgrimidas na comunicação social.

- Para uns, um monumento digno;
- Para outros, um mamarracho.
- Para uns, tem a localização perfeita;
- Para outros, a sua localização não prestigia o homenageado.

De igual modo, a adesão a uma comunidade urbana para todo o Alentejo, ou a aproximação a Castelo Branco, é motivo de ataques culpabilizantes e de injustificadas agressões pessoais aos seus promotores.

Mais recentemente, a requalificação urbana da cidade, foi para muitos a obra que faltava fazer nos últimos 30 anos. Para outros, foi uma obra megalómana, desnecessária, que provocou o endividamento descontrolado da autarquia.

P. E existem fundamentos para esta guerra de palavras, e cair-se na tentação de culpabilizar o outro e desculpabilizar quem assim argumenta?

R. Só a insensatez, a falta de pudor e o clientelismo justificam este tipo de atitudes.

Independentemente dos fundamentos, parece-me que, em todas as circunstâncias e para todo o tipo de problemas, é necessária uma discussão alargada para se chegar a um amplo consenso, que defenda os interesses de todos: dos portalegrenses, dos portugueses, dos europeus e dos cidadãos do mundo.

- O que é feito da palavra “diálogo” tão profusamente invocada a propósito e a despropósito?
- Afinal, não participam todos na discussão das propostas?

- E as decisões, democraticamente tomadas não são para serem respeitadas?
- E aqueles que defendem teses minoritárias, não devem aceitar as da maioria?
- E as minorias não são para serem ouvidas e tidas em conta pelas maiorias?
- Mas que tipo de democracia se está a construir?

Não é meu propósito entrar nas particularidades desta guerra, mas não posso deixar de manifestar a minha perplexidade com as arruaças diárias destes contentores, e manifesto-o através dos meios que me são postos à disposição.

O exercício da cidadania e a consolidação do sistema democrático responsabiliza cada cidadão, e essa responsabilidade aumenta na proporção em que se assumem funções políticas ou sociais, através das competências que a lei confere ou, por delegação dessas mesmas competências.

A **culpa** é, no nosso tempo, uma espécie de capa que encobre a inabilidade e a incompetência e é também o grande travão ao diálogo construtivo que poderá fazer-nos acreditar que o futuro da humanidade será melhor e mais feliz.

Na nossa era, porque há sempre **culpados**, a barbárie e a insegurança, levaram o homem a inventar a bomba atómica, o cocktail Molotov e a aperfeiçoar a técnica do terror e, no fundo, o terror da técnica acabou por construir um novo homem: o **“Homo Brutalis”**, que veio substituir o **“Homo Sapiens”**.

- Isto não é ironia.

A violência, não só a física, mas todo o tipo de violência sobre as pessoas, tornou-se, hoje, numa atitude banal aplicada aos acontecimentos diários e quase se tornou numa inevitabilidade.

A proliferação do terrorismo é, igualmente, a resultante dessa procura de **culpados** para lhes ser infringida uma punição pela não existência de diálogo civilizado.

P. *E o que dizem os partidos políticos, com destaque, por vezes empolado, na comunicação social?*

R. Olhe, dizem:

- Que o governo é **culpado** porque não salvaguarda a segurança dos cidadãos;
- Que as fronteiras não têm protecção;
- Que a polícia está nos aquartelamentos e não na rua;
- Que Portugal é um alvo do terrorismo internacional porque não foi neutral no recente conflito do Iraque.

E, alguns comentaristas, cegos de “partidarismo”, afirmam que a **culpa** do terrorismo internacional é de **Bush** devido aos seus discursos belicistas; que os atentados de Madrid foram **culpa** de **Aznar** porque mentiu aos espanhóis.

É verdade que **Bush** manifestou uma ânsia desmesurada pela guerra.

É verdade que **Aznar** omitiu informações aos seus compatriotas.

- Mas, poderão ser os verdadeiros **culpados** pela onda de terrorismo?

Outros comentadores, ou talvez os mesmos, afirmam que o processo de pedofilia está inquinado por **culpa** de alguns magistrados do ministério público e da morosidade da justiça portuguesa.

É verdade que o processo se arrasta, especialmente devido aos inúmeros recursos promovidos pela defesa dos arguidos.

- Mas poderão, a justiça e os magistrados, serem **culpados** pela pedofilia e pela existência de pedófilos?
- Então e as vítimas?

É caso para perguntar:

- Onde está a **culpa**?
- A **culpa** é dos acusadores ou dos acusados?
- Quem contribui para a desestabilização: os que são “Pró” ou os que são “Contra”?

Lá dizia Sêneca – escritor romano:

*“Quando se navega sem destino
nenhum vento é favorável”*

P. *Depois deste diagnóstico que apresenta, sou tentado a perguntar-lhe, mais uma vez, se o problema do nosso tempo é uma crise cultural e de valores?*

R. Já é comum responder que existe uma crise cultural e de valores neste tempo que vivemos. Mas é mesmo verdade. Contudo penso que o problema vai para além disso. O problema maior é o da ignorância que o homem tem de si próprio e do seu lugar na natureza e na sociedade, apesar da evolução do conhecimento e da ciência.

Não resisto a transcrever o capítulo 16 da Introdução ao Compêndio da Doutrina Social da Igreja:

“As interrogações radicais, que acompanham desde o início o caminho dos homens, adquirem, no nosso tempo, ainda maior significância, pela vastidão dos desafios, pela novidade dos cenários, pelas opções decisivas que as actuais gerações são chamadas a tomar.

O primeiro dentre os maiores desafios frente aos quais a humanidade se encontra é o da verdade mesma do ser-homem. O confim e a relação entre natureza, técnica e

moral são questões que interpelam decisivamente a responsabilidade pessoal e colectiva em vista dos comportamentos que se deve ter, em face daquilo que o homem é, do que pode fazer e do que deve ser. Um segundo desafio é colocado pela compreensão e pela gestão do pluralismo e das diferenças em todos os níveis: de pensamento, de opção moral, de cultura, de adesão religiosa, de filosofia do desenvolvimento humano e social. O terceiro desafio é a globalização, que tem um significado mais amplo e profundo do que o simplesmente económico, pois que se abriu na história uma nova época, que concerne ao destino da humanidade.”

Este pequeno texto é brilhante para demonstrar as insuficiências do homem no conhecimento que possui de si próprio. Essa incapacidade leva a comportamentos desviantes na relação entre si e o seu semelhante, entre si e a natureza, e entre si e Deus.

As **crises** no crescimento da humanidade não são **culpa** da humanidade enquanto tal, mas são **culpa** dos homens que se tornaram egoístas e cegos perante as realidades da vida colectiva.

P. *No fundo, o que nos está a dizer é que não há exagero quando se atribuem culpas a alguém quando existem crises?*

R. Não é bem assim. O que eu estou a dizer é que se tornou banal que, perante uma **crise**, em vez de se procurarem as soluções mais adequadas, o que se faz é procurar **culpas** e **culpados**.

Eu, ao trazer este tema para a nossa conversa, como todos os outros que temos tido, pretendo, ao fazer denúncias, trazer propostas cristãs para

reflexão. É em nome de um serviço da Igreja Católica – a Cáritas Diocesana, que aqui estou. Por isso, para além daquilo que eu penso sobre as diversas matérias, tento apresentar o que diz a Igreja, sobre essas mesmas matérias.

Por esse facto, vejamos o que diz o catecismo da Igreja Católica sobre o sentimento de **culpa**:

“O ser humano deve obedecer sempre ao juízo certo da sua consciência. Agindo deliberadamente contra ele, condenar-se-ia a si mesmo. Mas pode acontecer que a consciência moral esteja na ignorância e faça juízos erróneos sobre actos a praticar ou já praticados.

Muitas vezes, tal ignorância pode ser imputada à responsabilidade pessoal. Assim acontece «quando o homem pouco se importa de procurar a verdade e o bem, e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado» (GS 16). Nesses casos, a pessoa é culpada do mal que cometeu”

Em termos sociais, morais ou políticos, a **culpa** que gera **crises**, como aquela que estamos a atravessar, pode tornar-se escandalosa. E “o escândalo reveste uma gravidade particular em virtude da autoridade dos que o causam ou da fraqueza dos que dele são vítimas”.

Diz o Catecismo que o “escândalo é grave quando dado por quem, por natureza ou em virtude da função que exerce, é obrigado a ensinar e a educar os outros. Jesus Cristo censura-os nos escribas e fariseus, comparando-os a lobos disfarçados de cordeiros.

Também com base no discurso do Papa Pio XII, proferido no dia 1 de Junho de 1941, diz o seguinte:

É assim que se tornam culpados de escândalo os que estabelecem leis ou estruturas sociais conducentes à degradação dos costumes e à corrupção da vida religiosa, ou a condições sociais que, voluntária ou involuntariamente, tornam difícil e praticamente impossível uma conduta cristã conforme os mandamentos."

P. *Chegámos ao fim do nosso tempo. Por isso, como habitualmente, peço-lhe uma última palavra.*

R. Para terminar vou ser muito sintético.

O célebre escritor e moralista francês dos finais do século XVI, de origem portuguesa, por parte de sua mãe – Miguel de Montaigne – nos seus ensaios escreveu esta frase curta que, quanto a mim, sintetiza, de alguma forma, a nossa conversa de hoje e com a qual me despeço. A frase é a seguinte:

*"À beira de um precipício
só há uma maneira de andar para a frente:
é dar um passo atrás."*

Muito boa tarde.

P. *E desta forma terminamos mais este programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco. Agradeço ao Elicídio Bilé e a todos os nossos ouvintes pela atenção que sempre dispensam ao nosso programa.*

Muito boa tarde.

Portalegre, 25 de Julho de 2007

Elicídio Bilé